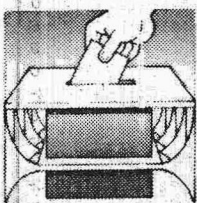


Presidenciáveis debatem programas

Fórum em restaurante de Curitiba reúne o maior número de candidatos a presidente



Os sete presidenciais que passaram ontem por Curitiba conseguiram quebrar o clima de apatia em que a cidade estava mergulhada, desde as primeiras horas do dia, por causa do frio intenso, que fez o termômetro baixar para quatro graus na madrugada. Houve muita festa política no aeroporto, com a chegada de alguns candidatos. Houve alguma empolgação nos calçados do centro, com a presença do deputado Luiz Inácio Lula da Silva, que resolveu improvisar um rápido comício na Boca Maldita, ponto de encontro da cidade. Houve, acima de tudo, muita discussão política no restaurante italiano Madalosso no bairro de Santa Felicidade, onde houve o debate que trouxe a Curitiba sete dos dez candidatos.

No aeroporto, a maior festa de recepção foi para o candidato tucano Mário Covas. Ele desembarcou às 10h30 ao som da música de Roberto Carlos "meu amigo de fé, meu irmão camarada", que deve ser transformada numa espécie de hino de campanha do PSDB. Perto de 400 pessoas estavam à sua espera, cantando no saguão do aeroporto.

Outro motivo para comemoração: os tucanos colheram ontem as primeiras adesões ao candidato do PSDB à Presidência da República, Mário Covas, após o aplaudido discurso feito quarta-feira na tribuna do Senado. Os governadores peemedebistas Tasso Jereissati (CE) e Geraldo Mello (RN), que já haviam desistido de apoiar o candidato Ulysses Guimarães (PMDB), se encontrarão terça-feira no Rio com Covas para dar seu apoio. A deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) publica um artigo domingo no *Jornal do Brasil* para anunciar sua adesão à campanha dos tucanos. E o ex-governador de Pernambu-



Carlos Ruggi/AE

Covas defende projeto da social-democracia: retomada do desenvolvimento e redistribuição da renda

co Roberto Magalhães (PTB) também se unirá nos próximos dias à candidatura Covas e até poderá ingressar no PSDB para disputar a candidatura de vice na chapa.

BATATA QUENTE

Afonso Camargo, que quer a legenda do PTB para disputar a Presidência, chegou sozinho de Brasília, e, mesmo desembarcando em sua cidade natal, não havia ninguém para esperá-lo.

Leonel Brizola e Ronaldo Caiado — ainda incerto de conseguir a legenda do PDC na convenção do dia 7 — chegaram a

Curitiba no dia anterior. Brizola passou a maior parte do tempo gravando entrevistas a canais de televisão do Paraná. Numa das gravações, deixou uma batata quente na mão do proprietário: xingou o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, com todas as letras. "Não sei se corto essa parte da entrevista ou ponho no ar", comentava o dono do canal, o empresário Leonardo Petrelli.

Lula havia marcado de estar na Boca Maldita às 10 horas e se atrasou quase duas. Com isso, perdeu uma boa oportunidade de falar a mais de mil estudantes colegiais que passaram

por ali em protesto contra o preço da passagem de ônibus: "Azar do Lula, sorte dos mosquitos", brincou um militante do PT ao notar que a espera do candidato estavam cerca de dez funcionários em greve da Suca, o organismo federal responsável pelo combate ao mosquito transmissor da malária.

Os sete presidenciais — Ronaldo Caiado, Leonel Brizola, Lula, Mário Covas, Aureliano Chaves, Roberto Freire e Afonso Camargo — levaram cada um a Curitiba um tipo de preocupação com os rumos da campanha. Brizola, por exemplo, deu a entender que a escolha de

seu vice — Fernando Lyra — pela convenção do PDT, dia 25, pode não ser definitiva. Ele insinuou que o namoro com o sindicalista Luiz Antônio Medeiros ainda continua. Medeiros é do PTB, cuja legenda é desejada por Afonso Camargo: "Hoje, eu posso dizer com a maior convicção que a legenda do PTB é minha. Consegui vencer todas as dificuldades", assegurava o senador.

Os tucanos mostravam que a escolha do vice ainda está longe de ser definida. Um dos assessores de Mário Covas fazia uma revelação que adquiriu ares de total surpresa: alguns membros

históricos do PMDB, entre os quais se inclui o ex-prefeito de Curitiba, Dante de Oliveira, ainda sonham em ter como vice de Covas nada menos que Waldir Pires, o ex-governador baiano, indicado vice de Ulysses Guimarães pelo PMDB.

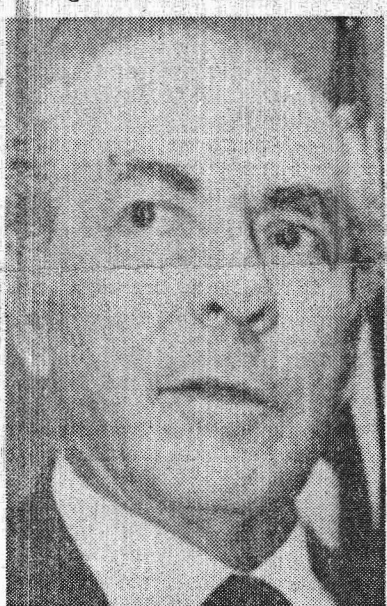
OPOSTOS AGRADAM

O debate no restaurante, a oito quilômetros do centro da cidade, começou logo de manhã, com a palestra do ex-presidente da UDR, Ronaldo Caiado. Fato curioso: ele e Lula foram os dois palestrantes que mais empolgaram a platéia de cerca de 800 pessoas, na maioria empresários de um movimento político, chamado de Retorno à Produção. A proposta de lançamento do movimento partiu, aliás, do Conselho da Mulher Executiva do Paraná, presidido pela empresária Margot Canet, cunhada do ex-governador Jayme Campos. Ela e sua colega Aliete Prosdócimo, vice-presidente do comitê, passaram a considerar, ontem a hipótese de votar em Lula.

A maioria dos empresários, contudo, não quis opinar sobre os candidatos antes de ouvir o último deles, Paulo Maluf, do PDS, que só falará hoje pela manhã. Alguns criticaram Brizola, que "novamente não apresentou um programa". Covas foi o mais aplaudido. Caiado e Lula os mais elogiados. Hoje, depois da palestra de Maluf, será divulgada uma pesquisa com a opinião dos empresários sobre o que disseram os sete presidenciais.

Cada um deles ocupou um tempo médio de uma hora e vinte minutos. Covas falou menos: uma hora. Todos os candidatos discorreram sobre a crise por que passa o País. Nenhum deles se referiu ao fato de que o encontro dos candidatos foi realizado no maior restaurante do Brasil, um local que, apesar da crise, reúne perto de 12 mil pessoas todos os fins de semana para consumir, a NCz\$ 11 por pessoa, oito mil francos, cinco toneladas de polenta e quatro toneladas de massa.

Trabalharam na cobertura do debate os repórteres Dirceu Martins Pio, Tereza Furtado, Orena Klenk, Reinaldo Bessa e Natani Albino.



Mônica Zarattini/AE-4/3/89

Brizola: reforma agrária

Socialismo manterá propriedade privada

Apesar de seu partido, o PDT, ser filiado à Internacional Socialista, Leonel Brizola garantiu que respeitará a livre iniciativa. "O tipo de socialismo que pretende abolir o direito de propriedade é incabível no Brasil", afirmou.

Brizola ainda não tem um programa de governo pronto — "não sou um candidato acabado", justificou —, mas destacou alguns pontos que pretende dar prioridade em sua administração, como o setor educacional. "De que adianta cuidar da inflação se deixamos nossas crianças de lado?", indagou. A reforma agrária é outra preocupação do candidato. Só que ele prefere usar a expressão "colonização" para "tirar toda e qualquer conotação ideológica do tema". O candidato criticou os projetos agropecuários mantidos no País por instituições financeiras. "Banco não tem de ter terra", justificou.

Apesar dessa restrição, Brizola garantiu que não pretende estatizar o setor, mas apenas cuidar para que sua atuação seja voltada para o desenvolvimento regional.

O candidato pretende promover durante a campanha uma série de "fóruns" para debater as questões que entrarão em seu programa de governo. Ele prometeu também dialogar com todos os setores representativos da sociedade antes de tomar qualquer decisão importante. "Não vou ficar fechado entre quatro paredes baixando pacotes."



André Duack/AE-10/5/89

Lula: verbas para pesquisa

Setor estratégico não será privatizado

Terceiro a falar, o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, fez um discurso interrompido algumas vezes por aplausos da platéia. De início, afirmou que não estava ali para dizer coisas que agradassem ou desagradassem aos empresários, mas para expressar suas idéias. Lula disse sem rodeios que é contrário ao pagamento da dívida externa, num discurso ostensivamente socialista para uma platéia que até o momento só havia ouvido o contrário. Deixou claro, no entanto, aceitar o investimento estrangeiro no País, por estar ciente da interdependência da economia de todos os países. Mas ressaltou que caberá ao governo, caso se eleja, estabelecer as normas para a entrada de capital estrangeiro. Tentou ainda tranquilizar os empresários, ao declarar que também na Frente Brasil Popular — composta pelo PC do B, PV e PSB, além do PT — não há partido que tenha a intenção de restringir a entrada de capital externo.

O candidato petista revelou que não pretende privatizar as empresas estatais estratégicas, mas deixou de citá-las. "As estatais têm de ser democratizadas", destacou. Lula prometeu investir muito em pesquisas para atingir a independência tecnológica do Brasil e defendeu a ampliação do comércio com os principais mercados internacionais. O candidato só divulgará seu programa de governo em 15 dias, depois de submetê-lo à Frente Brasil.



José Paulo/AE-5/5/89

Aureliano: juros móveis

Atenção fica com o déficit público

Aureliano Chaves, pré-candidato do PFL à Presidência da República, considera "utópico" detalhar programas de governo neste momento, porque "o candidato corre o risco de no dia da posse não ter sequer uma proposta ainda válida". Seguindo esse raciocínio, o ex-ministro não explicou em detalhe como pretende controlar a inflação e promover a retomada do desenvolvimento econômico — pontos segundo ele básicos para iniciar um governo.

Aureliano vê relação entre a questão da inflação e o déficit público, que ele espera conter por meio de um programa de obras e prioridades e de mecanismos adequados de financiamento, como taxas de juros móveis.

O ex-ministro também acredita que um governo legítimo poderá emitir títulos com juros mais baixos, o que seria compensado pelo risco menor. Ele defendeu ainda a redução da carga fiscal e prometeu combater a sonegação. O candidato do PFL disse não descartar a possibilidade de um "choque ortodoxo" para conter despesas. Aureliano Chaves defendeu em seu discurso a abertura da economia brasileira para o Exterior, mas em busca de capital de risco, não de novos empréstimos. O ex-vice-presidente da República afirmou pretender ainda estimular a ocupação de "espaços vazios", para distribuir melhor população e riquezas.



Sérgio Borges/AE-5/4/89

Caiado: preso vai trabalhar

Capital estrangeiro terá todo incentivo

Privatizar foi uma palavra usada várias vezes pelo pré-candidato do PDC à Presidência da República, Ronaldo Caiado, na abertura do seminário. O ex-presidente da União Democrática Ruralista (UDR) prometeu divulgar dentro de 15 dias seu programa de governo, intitulado Projeto Celeiro, composto de 33 tópicos. Caiado adiantou que, se eleito, agirá imediatamente em três áreas: saúde, alimentação e educação. Otimista, prometeu transformar seu discurso em prática diária de governo.

Uma de suas prioridades, destacou, é atrair capital estrangeiro para investimentos no País. E Caiado pensa em vincular os investimentos à dívida externa, que pretende pagar, mas de outra maneira: "Para cada US\$ 1 bilhão a ser pago, os credores terão direito a US\$ 700 milhões para investir aqui", esclareceu. O pré-candidato tem também a intenção de criar polos de desenvolvimento regionais para evitar o "inchaço" dos grandes centros urbanos.

Está nos planos do ex-presidente da UDR privatizar "algumas" empresas estatais e extinguir outras. Caiado disse que dedicará atenção especial à educação, aplicando 80% da verba no ensino de 1º e 2º graus. O pretendente a candidato pelo PDC fez outra promessa: reformar o sistema penitenciário, transferindo as cadeias para a zona rural e obrigando os presidiários a trabalhar.



J. Fernandes/AE-7/5/87

Afonso: vida digna

Negociação para a dívida externa

O senador paranaense Afonso Camargo, virtual candidato do PTB à Presidência, não apresentou aos empresários propostas concretas, mas sim os "princípios" de seu programa de governo. Para ele, seria impossível esperar que, há mais de quatro meses das eleições, "os candidatos desembarcassem em Curitiba com programas prontos". Afonso diz que sua principal meta é garantir o compromisso constitucional de dar "vida digna a todos os brasileiros".

Para isso, o senador apontou um só caminho: "o enrugamento total da máquina pública federal", e adiantou ter como fórmula "a descentralização de decisões, encargos e rendas públicas".

Afonso Camargo defendeu também menor participação do Estado na economia. Na sua opinião, "o governo deveria ser um promotor e incentivador apenas da produção de bens vitais básicos, como casa própria, alimentação, educação e assistência médica", explicou. Quanto à dívida externa, o senador do PTB admitiu ser "totalmente contra a moratória" e "a favor de uma negociação inteligente", disse ele. O pré-candidato petebista criticou ainda o governo Sarney por não ter prioridades. No entender de Afonso, "governar é eleger prioridades". Caso seja eleito, ele pretende concentrar a ação do governo federal em educação e saúde.



Márcia Zool/AE-22/6/89

Freire: mudar a renda

Estatização aguarda empresas financeiras

O presidenciável do PCB, deputado Roberto Freire, disse que o ponto de partida de sua proposta de governo é mudar o perfil da renda nacional, que hoje, segundo ele, tem 70% destinados à remuneração de capital, através de aluguéis, lucros e juros. O caminho apontado por Freire para a mudança é "forjar uma nova classe dirigente, com força para impor os valores de uma sociedade mais solidária e menos competitiva".

A crise por que passa o país, no entendimento de Roberto Freire, é resultado de uma economia em que o Estado tem um papel muito pequeno na economia. "O Estado brasileiro é privatizado", disse Freire. "O Banco Central, por exemplo, é mera extensão do interesse privado", completou o candidato do PCB. Afirmou que, eleito, pode chegar à estatização dos bancos "se eles não deixarem de ser balcões para especulação com papéis". Roberto Freire disse querer também ampliar a presença do Estado em áreas como a educação e a saúde. Ele voltou a defender a suspensão do pagamento da dívida externa, "com a renegociação em fóruns internacionais, buscando discutir a dívida no âmbito de uma nova ordem financeira internacional".

Freire acrescentou que o socialismo é o "objetivo último" de sua pregação e que, uma vez eleito, seu governo seria uma etapa democrática da construção do novo regime.